

Anne Gabrielle Dias de Miranda Viana
Jackeline Adlung Siqueira

**AUTOMEDICAÇÃO COM DESCONGESTIONANTES NASAIS: FREQUÊNCIA DE
USO E CONHECIMENTO DOS RISCOS E POSSÍVEIS COMPLICAÇÕES**

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Mirelle de Oliveira
Pereira
Colaboradora: Profa. Dra. Samyra Giarola Cecílio

SÃO JOÃO DEL-REI

2024

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de estudantes por período e sexo	11
Tabela 2 - Tabela de contingência – Relação entre período, sexo e uso de gota ou spray de descongestionante nasal.....	12
Tabela 3 - Tabela de contingência – Frequência de uso dos diversos tipos de descongestionantes nasais.....	13
Tabela 4 - Tabela de contingência – Frequência de uso das diversas marcas de descongestionantes nasais.....	13
Tabela 5 - Tabela de contingência – Relação entre o tempo de uso e o sexo.....	14
Tabela 6 - Tabela de contingência – Relação entre o tempo de uso e a idade.....	16
Tabela 7 – Tabela de contingência – Relação entre a indicação médica e o período dos alunos.....	17
Tabela 8 – Tabela de contingência – Relação entre sexo e indicação médica.....	18

LISTA DE SIGLAS

CEP Comitê de Ética em Pesquisa

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCUD Termo de Consentimento para Utilização de Dados

UNIPTAN Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	10
3 RESULTADOS.....	11
4 DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

AUTOMEDICAÇÃO COM DESCONGESTIONANTES NASAIS: FREQUÊNCIA DE USO E CONHECIMENTO DOS RISCOS E POSSÍVEIS COMPLICAÇÕES

Anne Gabrielle Dias de Miranda Viana*
Jackeline Adlung Siqueira*
Samyra Giarola Cecílio†
Larissa Mirelle de Oliveira Pereira‡

RESUMO

O uso de descongestionantes nasais proporciona um efeito rápido e reversível no alívio da congestão nasal, através da sua interação com os receptores presentes na mucosa nasal, induzindo a vasoconstrição. Entretanto, está muito associada a efeitos adversos como taquicardia, dependência e efeito rebote. Visou-se avaliar o conhecimento dos estudantes de medicina de uma cidade do interior de Minas Gerais acerca das complicações orgânicas e da propensão ao efeito rebote decorrentes do uso abusivo de descongestionantes nasais. Trata-se de estudo aplicado, de abordagem exploratória/descritiva transversal, com análise de dados e fundamentação bibliográfica. A coleta de dados foi realizada por questionários, após a aprovação do Comitê de ética em pesquisa. Há uma grande taxa de automedicação de descongestionantes nasais além do desconhecimento de seus efeitos colaterais, mesmo entre os estudantes da área da saúde. O primeiro período possui a maior taxa de alunos que fizeram uso de descongestionantes nasais por indicação médica, mas, também é o período com a maior porcentagem de uso entre os alunos do curso. E, ainda, a rinite alérgica é a condição médica que mais frequentemente levou ao uso de descongestionantes nasais. Conclui-se que não há busca de informação sobre as medicações utilizadas para sintomas de congestão nasal. Por ser uma condição médica sem acometimento grave, mesmos os alunos da área da saúde não buscam orientação médica nem procuram se informar com relação aos princípios ativos e seus efeitos colaterais, facilitando o desenvolvimento de complicações devido a uso indiscriminado.

Palavras-chave: Automedicação. Descongestionantes nasais. Estudantes. Vasoconstritores. Efeitos adversos.

ABSTRACT

The use of nasal decongestants provides a quick and reversible effect in relieving nasal congestion through their interaction with receptors present in the nasal mucosa, inducing vasoconstriction. However, it is strongly associated with adverse effects such as tachycardia, dependence, and rebound effect. This study aimed to assess the knowledge of medical students in a town in the interior of Minas Gerais about the organic complications and the propensity for the rebound effect resulting from the abusive use of nasal decongestants. This is an applied study with an exploratory/descriptive cross-sectional approach, involving data analysis and bibliographic foundation. Data collection was conducted through questionnaires, following the approval of the Research Ethics Committee. There is a high rate of self-medication with nasal decongestants and a lack of awareness of their side effects, even among students in the health field. The first semester has the highest rate of students who used nasal decongestants by medical recommendation, but it is also the semester with the highest percentage of usage among the students in the course. Additionally, allergic rhinitis is the medical condition that most frequently led to the use of nasal decongestants. It is concluded that there is no search for information about the medications used for nasal congestion symptoms. As it is a medical condition without severe impact, even students in the health field do not seek medical guidance nor do they inform themselves about the active ingredients and their side effects, facilitating the development of complications due to indiscriminate use.

Keywords: Self-medication. Nasal decongestants. Students. Vasoconstrictors. Adverse effects.

* Graduandas do curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN. E-mail: annegviana2002@gmail.com.

† Professora do curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN

‡ Professora do curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves – UNIPTAN

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2019, constatou-se que cerca de 77% dos brasileiros fizeram o uso da automedicação, fator abordado por uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), por meio do Instituto Datafolha¹. Além disso, nos registros mais recentes do Sistema Nacional de Informação Tóxico-Farmacológico (Sinitox), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) de 2016, 80.082 casos de intoxicação foram apurados no Brasil. Desses, 27.261 foram provocados por medicamentos, correspondendo a 34% do total. O número de óbitos decorrente da prática foi 20% superior ao da pesquisa realizada há uma década e a automedicação apresentou-se como uma das principais causas das intoxicações medicamentosas².

A automedicação é o ato de usar medicamentos sem a prescrição e supervisão de profissionais da saúde. Consiste em uma prática muito comum no Brasil, devido, entre outros fatores, à disponibilidade de medicações de forma acessível, sem a necessidade de prescrição médica³. Nesse contexto, é importante citar a grande distribuição de medicamentos no Brasil, uma vez que o país possui mais de 65 mil farmácias e drogarias, estando entre os países com maior número desses estabelecimentos por número de habitantes, aumentando a exposição da população a drogas de forma irrestrita³.

A prática da automedicação pode parecer, a princípio, um hábito irrelevante e sem maiores consequências de saúde pública, uma vez que o ato de se automedicar é individual. Entretanto, os altos índices dessa prática têm se mostrado um grande problema social, sobretudo de saúde pública, visto que cerca de um terço das internações ocorridas no Brasil tem como causa principal o uso incorreto de medicações³.

Nesse contexto, os descongestionantes nasais são fármacos utilizados para o alívio rápido e reversível da congestão nasal, cujos mecanismos de ação envolvem a interação com os receptores da mucosa nasal e a indução da vasoconstrição, resultando na redução do edema. Esses medicamentos são administrados por via nasal, na forma de aerossol ou gotas⁴. Os descongestionantes nasais são divididos em catecolaminas (efedrina, epinefrina e fenilefrina) e imidazolínicos (nafazolina, tetraidrozilina e oximetazolina). Nesse sentido, os imidazolínicos são responsáveis pelas maiores causas de efeito rebote, devido à sua rápida ação e longa duração farmacológica⁵. Sob essa perspectiva, é dedutível que o abuso de medicamentos ocorre predominantemente devido ao rápido alívio dos sintomas, uma vez que tal alívio é transitório, levando o paciente a retomar o uso do medicamento quando os sintomas subjacentes da doença reaparecem, uma vez que os descongestionantes não abordam a etiologia da doença, mas sim os sintomas.

Além disso, o uso dessas medicações de forma irracional e errônea pode resultar em efeitos adversos como alergias, rinites medicamentosas e reações adversas aos compostos de suas fórmulas⁵. Os descongestionantes são indicados em caso de rinite alérgica ou outras patologias que cursam com congestão nasal podendo ser usados por, no máximo, cinco dias seguidos. Entretanto, há uma extensão desse tempo de tratamento por grande parte dos pacientes ocasionando um efeito rebote e, consequentemente, dependência da medicação⁵.

Sendo assim, é de suma importância a avaliação sobre o uso dos descongestionantes nasais sem a devida prescrição médica, bem como seus efeitos colaterais tanto para o indivíduo que usa de forma inadequada quanto para o sistema de saúde, que se sobrecarrega por conta de possíveis complicações do uso indevido dessas drogas.

Assim, o objetivo do presente trabalho consistiu em avaliar o conhecimento dos estudantes de Medicina em relação às complicações orgânicas e à propensão do uso abusivo decorrente do efeito rebote de descongestionantes nasais contendo vasoconstritores, em São João del-Rei, Minas Gerais.

2 METODOLOGIA

Trata-se de estudo aplicado, de abordagem exploratória/descritiva transversal, com análise de dados e fundamentação bibliográfica. A população estudada compreendeu os discentes do curso de Medicina do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN), localizado em São João del-Rei, Minas Gerais. Este trabalho seguiu as recomendações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde para estudos com seres humanos e aconteceu mediante aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN), CAAE: 75069823.2.0000.9667.

A amostra foi composta por discentes que estavam regularmente matriculados do primeiro ao oitavo períodos durante o primeiro semestre de 2024 e que aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A amostra mínima foi calculada considerando um erro amostral de 5% e intervalo de confiança de 95%, resultando em um total de 192 estudantes considerados na amostra, o que corresponde a 74,41% do total geral de estudantes do curso de medicina do centro universitário considerado, prevendo a perda de até 10% dos elementos amostrais.

A coleta de dados aconteceu de modo presencial por meio da aplicação de questionário estruturado, composto de 13 questões, sendo 12 de múltipla escolha e uma discursiva. O

instrumento foi adaptado de Lague, Roithmann e Augusto⁶ e tinha o intuito de responder à seguinte pergunta norteadora: “Os estudantes de medicina que fazem o uso de descongestionantes nasais que contêm vasoconstritores, têm ciência das complicações orgânicas e da propensão ao efeito rebote?”. Foram abordadas também questões como período e frequência de uso, a presença ou não de indicação médica e se o indivíduo apresentou alguma complicação ao longo daquele período. Foram coletados também os dados sociodemográficos da população em questão.

Os critérios de inclusão foram: i) discentes que estavam regularmente matriculados do primeiro ao oitavo períodos; ii) assinar o TCLE. Foram excluídos da amostra as próprias pesquisadoras por questões éticas e os estudantes que não concordaram em preencher o TCLE.

3 RESULTADOS

Por meio dos questionários aplicados, foram colhidas respostas de 233 estudantes. A divisão dos respondentes conforme sexo, período do curso e idade encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Número de estudantes por período e sexo.

Período	Sexo		Percentual		Idade			
	F	M	NR	(%)	18-19	20-29	30-39	>39
1º	19	11	1	13,30	20	3	5	3
2º	22	12	2	15,45	12	23	1	0
3º	11	2	1	6,01	7	6	0	1
4º	7	6	1	6,01	2	10	1	1
5º	14	8	0	9,44	4	16	1	1
6º	23	15	0	16,31	0	32	6	0
7º	32	11	0	18,45	0	41	2	0
8º	24	8	3	15,02	0	34	1	0
Total	152	73	8	100	45	165	17	6

NR=Não Respondeu.

Fonte: as autoras.

A partir dos 233 questionários respondidos, percebeu-se que quarenta e cinco discentes possuíam idade entre 18 e 19 anos (19,31%), a maior parte, 164 estudantes, se situavam na faixa etária entre 20 e 29 anos (70,38%), 17 do total de pessoas respondentes, tinham idades entre 30 e 39 anos (7,29%). Apenas seis pessoas possuíam mais de 39 anos (2,57%). Do total considerado, apenas 3,4% não responderam de acordo com o sexo. Avaliou-se, no conjunto remanescente, uma predominância de acadêmicos do sexo feminino, correspondendo a 65,23%.

Considerando o conjunto amostral feminino, 54,5% já fizeram uso de descongestionantes nasais por gota ou spray, assim como 26,3% dos homens. Dos oito participantes que não identificaram o sexo, todos mencionaram fazer uso de gota ou spray, como mostrado a Tabela 2.

Tabela 2 – Tabela de contingência – Relação entre período, sexo e uso de gota ou spray de descongestionante nasal.

Período	Já fez uso de gota ou spray									
	F				M				NR	
	Não	(%)	Sim	(%)	Não	(%)	Sim	(%)	Nº	(%)
1º	1	0,4	18	7,7	1	0,4	10	4,3	1	0,4
2º	4	1,7	18	7,7	0	0	12	5,2	2	0,9
3º	4	1,7	7	3	0	0	2	0,9	1	0,4
4º	1	0,4	6	2,6	1	0,4	5	2,1	1	0,4
5º	0	0	14	6	4	1,7	4	1,7	0	0
6º	6	2,6	17	7,3	2	0,9	13	5,6	0	0
7º	4	1,7	28	12	2	0,9	9	3,9	0	0
8º	5	2,1	19	8,2	2	0,9	6	2,6	3	1,3
Total	25	10,6	127	54,5	12	5,2	61	26,3	8	3,4

p valor = 0,957

NR=Não Respondeu.

Fonte: as autoras.

Para avaliar a relação entre o sexo e o desfecho (uso ou não de descongestionantes nasais por gota ou spray), realizou-se o teste do qui-quadrado (χ^2), uma vez que as variáveis em análise se configuravam como qualitativas nominais categóricas. O teste realizado levou em conta o intervalo de confiança de 95% e não evidenciou uma associação estatisticamente significativa quanto ao uso preferencial por homens ou mulheres, o valor final de p foi maior que 0,05 ($p = 0,957$). Desse modo, não foi possível afirmar quem usa mais de acordo com o sexo.

Outrossim, também foi realizada a análise das substâncias utilizadas por aqueles que fizeram uso de descongestionantes nasais. De acordo com os dados apresentados na Tabela 3, a maior preferência entre os participantes foi por descongestionante nasal com soro fisiológico, com 134 respostas, correspondendo a 40,5% do total. Em seguida, 83 respondentes (25,1%) preferiram descongestionante nasal com outras substâncias. O uso de corticoides foi indicado por 75 participantes, representando 22,7% das respostas.

Notavelmente, 11,8% dos participantes optaram por não responder à pergunta sobre o tipo preferencial de medicação nasal. A análise dos percentuais acumulados revela que, após a inclusão das respostas referentes ao descongestionante nasal com outras substâncias, 47,7% dos

participantes já estavam contabilizados. A inclusão dos dados relativos ao descongestionante nasal com soro fisiológico elevou este percentual acumulado para 88,2%, e a totalidade das respostas foi alcançada com a inclusão das respostas da categoria "Não Respondeu", resultando em 100,0%.

Tabela 3 – Tabela de contingência – Frequência de uso dos diversos tipos de descongestionantes nasais.

Tipo Preferencial	Contagens	% do Total	% acumulada
Corticoide	75	22.7 %	22.7 %
Descongestionante Nasal com Outras Substâncias	83	25.1 %	47.7 %
Descongestionante Nasal com Soro Fisiológico	134	40.5 %	88.2 %
Não Respondeu	39	11.8 %	100.0 %

Fonte: as autoras.

Conforme os dados apresentados na Tabela 4, a marca Neosoro foi a mais mencionada pelos participantes, representando 42,5% das respostas, seguida por Rinosoro com 12,7%. A marca Avamys foi a terceira mais citada, com 6,7% de preferência. Outras marcas mencionadas incluíram Noex (4,7%), Naridrin e Narix (ambas com 4,0%), e Nasonex (1,0%).

Tabela 4 – Tabela de contingência – Frequência de uso das diversas marcas de descongestionantes nasais.

Marca Preferencial	Contagens	% do Total	% acumulada
Avamys	20	6.7 %	6.7 %
Maresis	1	0.3 %	7.0 %
Naridrin	12	4.0 %	11.0 %
Narix	12	4.0 %	15.1 %
Nasonex	3	1.0 %	16.1 %
Neosoro	127	42.5 %	58.5 %
Noex	14	4.7 %	63.2 %
Não Respondeu	44	14.7 %	77.9 %
Outro	18	6.0 %	83.9 %
Qualquer um	10	3.3 %	87.3 %
Rinosoro	38	12.7 %	100.0 %

Fonte: as autoras.

É relevante observar que 14,7% dos participantes optaram por não responder à pergunta sobre a marca preferida, enquanto 6,0% indicaram outra marca não especificada na lista e 3,3%

afirmaram não ter preferência por nenhuma marca específica. A análise dos percentuais acumulados mostra que após a inclusão das respostas até a marca Neosoro, 58,5% dos participantes já estavam contabilizados. A totalidade das respostas foi atingida com a inclusão dos dados referentes a Rinosoro, culminando em 100,0% dos participantes.

Para a análise do tempo de uso de descongestionantes nasais foram criadas duas Tabelas: a Tabela 5 correlaciona o tempo de uso de acordo com o sexo e a Tabela 6 correlaciona o tempo de uso com a idade. Como se vê a seguir.

Tabela 5 – Tabela de contingência – Relação entre o tempo de uso e o sexo.

Tempo de Uso	Sexo			Total
	F	M	Não respondeu	
1 a 2 semanas	3	1	1	5
1 mês	1	0	1	2
10 anos, com uso diário	1	0	0	1
2 a 3 semanas	2	1	0	3
2 a 6 meses	3	2	0	5
3 a 6 dias	34	14	2	50
3 anos	1	1	0	2
6 meses a 1 ano	5	0	0	5
6 meses a 1 ano, com uso diário	1	0	0	1
< 3 dias	52	29	1	82
< 3 dias, com uso em crise	1	0	0	1
> 1 ano	13	7	2	22
> 1 ano. Uso contínuo	5	3	0	8
> 10 anos. Uso diário	1	0	0	1
> 3 anos	0	1	0	1
Não Respondeu	28	14	1	43
Semanalmente	1	0	0	1
Total	152	73	8	233

Fonte: as autoras.

De acordo com a Tabela 5, observa-se que a maioria dos participantes, tanto do sexo feminino quanto do masculino, usaram descongestionantes nasais por um tempo menor que 3 dias, totalizando 83 participantes (35,6% do total). Desses, 52 eram mulheres (22,3%) e 29 eram homens (12,4%).

Além disso, o segundo maior grupo se refere àqueles que utilizaram os descongestionantes por 3 a 6 dias, totalizando 50 participantes (21,5%). Dentro desse grupo, 34

eram do sexo feminino (14,6%) e 14 do sexo masculino (6,0%). Analisando os períodos de uso mais prolongados, nota-se que 32 participantes (13,8%) relataram o uso de descongestionantes por mais de 1 ano. Destes, 19 eram mulheres (8,1%) e 11 homens (4,7%). A categoria "Uso contínuo por mais de 1 ano" incluiu 8 participantes (3,4%), dos quais 5 eram mulheres (2,1%) e 3 homens (1,3%).

A categoria "Não Respondeu" apresentou um número significativo de 43 participantes (18,5%), com 28 do sexo feminino (12,0%) e 14 do sexo masculino (6,0%).

A distribuição dos dados mostra uma predominância de mulheres na maioria das categorias de tempo de uso, com exceção de algumas categorias como "3 anos" e "mais de 3 anos", onde os homens predominam ou igualam-se à quantidade de mulheres. Esses resultados indicam um padrão de uso semelhante entre os sexos, porém com maior representatividade feminina nos tempos de uso mais curtos.

Em síntese, a análise quantitativa revela que a maioria dos usuários de descongestionantes nasais utilizam o produto por períodos curtos (< 3 dias e 3 a 6 dias), contudo, há uma porcentagem de entrevistados que faz uso prolongado (> 1 ano). A maior parte dos respondentes eram mulheres, especialmente nos tempos de uso mais curtos.

Na Tabela 6, nota-se que a maioria dos participantes está na faixa etária de 20 a 29 anos, totalizando 165 indivíduos (70,8% do total). Dentro desta faixa etária, a maioria usou descongestionantes nasais por menos de 3 dias (58 participantes, 24,9%) e por 3 a 6 dias (30 participantes, 12,9%).

A faixa etária de 18 a 19 anos é a segunda maior, com 45 participantes (19,3%). Nessa faixa, 17 participantes (7,3%) usaram os descongestionantes por menos de 3 dias e 13 participantes (5,6%) por 3 a 6 dias. Para os participantes com idade entre 30 a 39 anos, há um total de 17 indivíduos (7,3%), sendo que a maioria também utilizou os descongestionantes por menos de 3 dias (6 participantes, 2,6%) e por 3 a 6 dias (6 participantes, 2,6%). Para aqueles com idade acima de 39 anos, totalizando 6 indivíduos (2,6%), apenas 1 usou descongestionante por menos de 3 dias e 1 por 3 a 6 dias.

A análise também revelou que o uso prolongado de descongestionantes (mais de 1 ano) é mais frequente na faixa etária de 20 a 29 anos, com 17 participantes (7,3%). Além disso, nesta mesma faixa etária, 32 participantes (13,7%) não responderam sobre o tempo de uso, o que representa uma porcentagem significativa de não respondentes.

Por fim, a distribuição dos dados demonstra que o uso de descongestionantes nasais por períodos curtos (< 3 dias e 3 a 6 dias) é predominante em todas as faixas etárias. O grupo de 20

a 29 anos destaca-se pelo maior número de usuários e pela maior variabilidade nos tempos de uso.

Tabela 6- Tabela de contingência – Relação entre o tempo de uso e a idade.

Tempo de Uso	Idade				Total
	18 a 19	20 a 29	30 a 39	Acima de 39	
1 a 2 semanas	0	5	0	0	5
1 mês	1	1	0	0	2
10 anos. Uso diário	0	1	0	0	1
2 a 3 semanas	2	1	0	0	3
2 a 6 meses	0	5	0	0	5
3 a 6 dias	13	30	6	1	50
3 anos	1	1	0	0	2
6 meses a 1 ano	0	4	0	1	5
6 meses a 1 ano Uso diário	0	1	0	0	1
< 3 dias	17	58	6	1	82
< 3 dias Em Uso se crise	0	1	0	0	1
> 1 ano	5	17	0	0	22
> 1 ano Uso contínuo	1	6	1	0	8
> 10 anos. Uso diário	0	1	0	0	1
> 3 anos	0	1	0	0	1
Não Respondeu	4	32	4	3	43
Semanalmente	1	0	0	0	1
Total	45	165	17	6	233

Fonte: as autoras.

De modo genérico, a análise quantitativa da Tabela 6 revela que a maior parte dos usuários de descongestionantes nasais pertence à faixa etária de 20 a 29 anos, com um uso predominante por períodos curtos. Há também um número notável de participantes nesta faixa etária que relataram uso prolongado (> 1 ano), indicando uma tendência ao uso contínuo entre os jovens adultos.

Para a análise da indicação médica em relação ao uso de descongestionantes nasais, foi criada a Tabela 7 que correlaciona o período no qual os estudantes estavam matriculados com a indicação médica. A Tabela 7 apresenta a distribuição dos participantes de acordo com a indicação médica e o período de uso.

Observa-se que, no total, 110 participantes (47,2%) não tiveram indicação médica para o uso de descongestionantes nasais. O maior número de participantes sem indicação médica está no 7º período, com 21 pessoas (9,0%), seguido pelo 6º período, com 19 (8,2%).

O número de participantes que não respondeu sobre a indicação médica foi 56 (24,0%). O 6º período apresentou o maior número de não respondentes, com 12 pessoas (5,2%), seguido pelos 2º, 7º e 8º períodos, cada um com 9 estudantes (3,9%).

Tabela 7 – Tabela de contingência – Relação entre a indicação médica e o período dos alunos.

Período	Indicação médica				Total
	Não	Não respondeu	Sim	Sim e Não	
1º	15	4	12	0	31
2º	17	9	10	0	36
3º	7	4	3	0	14
4º	5	4	5	0	14
5º	11	5	6	0	22
6º	19	12	6	1	38
7º	21	9	12	1	43
8º	15	9	11	0	35
Total	110	56	65	2	233

Fonte: as autoras

Aqueles que usaram descongestionantes com indicação médica totalizam 65 participantes (27,9%). O 1º e o 7º períodos têm o maior número de usuários com indicação médica, ambos com 12 indivíduos (5,2%). Há um pequeno quantitativo de 2 participantes (0,9%) que indicou simultaneamente que usaram descongestionantes nasais com e sem indicação médica, ambos nos períodos 6º e 7º, com 1 participante em cada.

A análise quantitativa revelou que a maioria dos participantes usou descongestionantes nasais sem indicação médica, especialmente no 7º e 6º períodos. A falta de resposta sobre a indicação médica também é significativa, sugerindo a necessidade de mais esclarecimento ou conscientização entre os usuários. Por outro lado, uma proporção considerável de participantes usou os medicamentos sob orientação médica, destacando-se mais uma vez, o 1º os 7º períodos.

Tabela 8 – Tabela de contingência – Relação entre sexo e indicação médica.

Sexo	Indicação médica				Total
	Não	Não respondeu	Sim	Sim, Não	
F	68	36	47	1	152
M	39	18	15	1	73
Não respondeu	3	2	3	0	8
Total	110	56	65	2	233

Fonte: os autores.

Apesar da maior prevalência de automedicação entre os homens, como mostra na Tabela 8, não houve associação estatística significativa, segundo teste do qui-quadrado ($p > 0.64$).

Ainda, no que se refere à posologia da prescrição médica, em dias, o período de três a seis dias foi o mais comumente prescrito, com 16,3% das respostas registradas. Em seguida, o tempo de prescrição maior que uma semana apresentou cerca de 11,15%, seguido pelo tempo menor que 3 dias, com 10,3% das respostas. Por fim, a prescrição de uma semana representa cerca de 2,14% das respostas registradas.

Para análise do conhecimento dos estudantes sobre os efeitos colaterais, foi realizada uma pergunta descritiva no questionário, concedendo liberdade de resposta - 101 discentes (43,34%) declaram não conhecer os efeitos colaterais. Um total de 77 participantes da pesquisa (33,04%) não responderam, enquanto 19 (representando cerca de 34,5% do total que responderam) têm conhecimento de taquicardia e 18 estudantes (32,72%) mencionaram a relação com a dependência.

Analisando os diagnósticos que levaram à necessidade do uso de descongestionantes nasais, percebeu-se que a rinite alérgica é a mais frequente, estando presente em 97 estudantes, o que representa 41,63% da amostra. E, ainda, comparando as marcas mais frequentemente utilizadas pelos estudantes.

Por fim, foi avaliado se os discentes já apresentaram algum efeito colateral devido ao uso de descongestionantes nasais. Das respostas registradas, 117 (50,21%) alegaram não terem apresentado reações adversas, enquanto 55 respondentes (23,6%) assinalaram desconhecimento dessa informação. Apenas 12 estudantes (5,15%) mencionaram ter experimentado efeitos colaterais. Entre aqueles que apresentaram reações adversas, 9 pessoas (75%) relataram a ocorrência de taquicardia.

4 DISCUSSÃO

O presente estudo observou que as porcentagens de uso de descongestionantes nasais dentro da amostra não apresentaram variações entre os sexos, já que, 83,5% das mulheres já fizeram uso em comparação com 83,5% dos homens, não apresentando maior prevalência em relação ao gênero.

Outro ponto importante é que apesar da alta prevalência do uso de descongestionantes nasais em todos os períodos do curso de Medicina como representado na Tabela 2, percebeu-se uma frequência ainda maior no primeiro e segundo período, possivelmente explicado pela falta de conhecimento acerca dos efeitos adversos sistêmicos que o uso de descongestionantes nasais pode acarretar.

Esse estudo também avaliou os tipos de descongestionais nasais mais utilizados. Sabe-se que há diversas substâncias utilizadas para alívio dos sintomas de congestão nasal, entre eles os corticoides nasais, os descongestionantes com soro fisiológico e os descongestionantes nasais constituídos por duas classes farmacológicas distintas: as aminas simpaticomiméticas e os derivados imidazolínicos⁷.

A partir da aplicação do questionário, 134 alunos dentre os 188 que já fizeram uso de descongestionantes nasais (representando 71,3% desse grupo) assinalaram terem feito uso de descongestionante somente com soro fisiológico. Entretanto, ao analisar as marcas mais utilizadas, percebeu-se que um total de 151 alunos fizeram uso de descongestionantes nasais em cuja composição há nafazolina como princípio ativo e se enquadrando, portanto, na classe farmacológica dos imidazólicos⁷. Do total de respondentes, 10 fazem uso de qualquer DN que encontram para comprar; 75 fazem uso de corticoide e 134 utilizam DN com soro fisiológico. O mesmo acontece com o corticoide nasal. Um total de 20 alunos selecionou ter feito uso somente de corticoide nasal, mas, ao selecionar as marcas já utilizadas, somente 12 assinalaram marcas que unicamente se enquadram na classe dos corticoides. Essa questão se torna preocupante, já que, ao desconhecer os princípios ativos que estão presentes nas medicações em uso, torna-se mais difícil conhecer os efeitos colaterais e identificá-los.

Quanto ao conhecimento dos alunos de Medicina acerca dos efeitos colaterais. A partir das respostas registradas, 33,04% dos alunos não responderam e 43,34% não conhecem os efeitos colaterais. Percebeu-se uma taxa relativamente alta diante dos indivíduos pertencentes à amostra, já que são alunos da área da saúde.

Dos estudantes que conhecem os efeitos colaterais, 19 (representando cerca de 34,54% dos alunos que responderam) tem conhecimento de taquicardia e 18 (32,72%) relataram saber

de algo sobre dependência. Das respostas registradas, apenas 12 discentes (5,15%) apresentaram efeitos colaterais. Entre as pessoas que apresentaram reações adversas, 9 alunos (75%) relataram a ocorrência de taquicardia. Esses efeitos colaterais são explicados pela estimulação aos receptores alfa. As aminas simpaticomiméticas, nomeadamente a fenilefrina, atuam preferencialmente nos receptores alfa-1 adrenérgicos. Por outro lado, as imidazólicas são responsáveis por estimular, majoritariamente, os receptores alfa-2 adrenérgicos. No entanto, estes compostos têm também alguma ação sobre os receptores alfa-1, ainda que em menor dimensão⁷. Esta última classe possui uma maior duração de seus efeitos vasoconstritores.

No que se refere aos derivados imidazólicos, constata-se a ocorrência de um efeito rebote na mucosa nasal, o que, por sua vez, demanda o aumento da dose, podendo ocasionar a diminuição da sensibilidade dos receptores pós-sinápticos 2-adrenérgicos e a lesão das mucosas nasais.^{8,9}

Nesse contexto, há três justificativas para o efeito rebote. A primeira demonstra que a vasoconstrição exagerada pode levar à hipóxia e depois à uma hiperemia com grande vasodilatação. A segunda demonstra que o maior tempo de uso causa uma redução da noradrenalina endógena e, posteriormente, uma vasoconstrição rebote. E, por fim, a última teoria afirma que o prolongamento do uso ativa o sistema parassimpático, levando a um aumento da permeabilidade vascular e a formação do edema⁵.

Nesse ínterim, o uso indiscriminado de cloridrato de nafazolina pode ocasionar constrição de outros vasos do organismo, o que possui como consequência taquicardias, arritmias e aumento da pressão arterial. Outra questão, é que esse composto, usado excessivamente, reduz a sensibilização dos receptores alfa, o que induz uma dose cada vez maior do medicamento para se obter os mesmos efeitos⁵.

Diante dos riscos de efeitos adversos, é importante avaliar se o uso de descongestionantes nasais foi por indicação médica. Entretanto, somente 65 alunos, o que corresponde a 28% da amostra, fizeram uso por indicação médica, enquanto, 110 (47,21%) se automedicaram. Analisando-se as indicações médicas de acordo com o sexo, percebeu-se que os homens possuem maior taxa de automedicação, já que somente 6,43% fizeram uso por indicação médica, enquanto 30,92% das mulheres procuraram ajuda médica para fazer início das medicações.

A automedicação é um grave problema de saúde pública no Brasil. Segundo o Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ)¹⁰, 79% da população com mais de 16 anos assume utilizar medicamentos sem nenhuma prescrição e orientação médica. E, a partir desse estudo, percebeu-se que as taxas de automedicação são muito altas, mesmo por estudantes da área de

saúde, que, supostamente, possuem maiores conhecimentos acerca do risco dessa prática. Outro fator preocupante sobre o uso inadequado dos congestionamentos nasais é a sua facilidade de aquisição. Esses medicamentos constituem medicamentos de venda livre no País, além de possuírem baixo custo, e, assim, não há um controle de sua venda, fato que aumenta o uso irracional do produto¹¹.

Além disso, foi feita uma relação entre a indicação médica e o período dos estudantes. Percebeu-se que o primeiro período, mesmo sendo o período com maior frequência de uso de descongestionantes nasais, foi o que apresentou a maior taxa de uso por indicação médica (38,7% dos respondentes). Em todo o curso de Medicina, a condição médica que mais levou à necessidade do uso de descongestionantes nasais foi a rinite alérgica, estando presente em 97 alunos, o que representa 41,63% da amostra.

No que se refere à posologia da prescrição médica, em dias, o período de três a seis dias foi o mais comumente prescrito, com 16,3% das respostas registradas. Essa conduta é correta já que a literatura indica um tratamento de 3 a 5 dias para alívio dos sintomas e para maior segurança do usuário com relação aos efeitos adversos citados anteriormente¹². E, observou-se que tanto no sexo feminino como no masculino, a maior parte dos participantes usaram por um tempo menor que 3 dias, seguido pelo tempo de uso de 3 a 6 dias, diminuindo o risco de dependência e efeito rebote.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma grande taxa de automedicação no que se refere ao uso de descongestionantes nasais e um relativo desconhecimento de seus efeitos colaterais, mesmo entre os estudantes do curso de Medicina, que, por serem da área da saúde, supostamente deveriam estar cientes dos riscos da automedicação. A rinite alérgica foi a condição médica que mais frequentemente levou ao uso de descongestionantes nasais. Além disso, considerando o tempo de uso ideal de 3 a 5 dias como descrito em literatura, percebeu-se que, mesmo diante da grande taxa de uso sem indicação médica, os alunos fazem uso da medicação por um tempo correto, evitando efeitos adversos e complicações que incluem dependência e efeito rebote. Observou-se que o primeiro período do curso de medicina possui a maior porcentagem de estudantes que fizeram uso de descongestionantes nasais por indicação médica, mas, também é o período com a maior porcentagem de uso entre os discentes do curso. Nesse estudo, não houve prevalência de gênero com relação ao uso da medicação.

REFERÊNCIAS

- 1- Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez por mês | Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas - Sinitox [Internet]. sinitox.icict.fiocruz.br. Available from: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/quase-metade-dos-brasileiros-que-usaram-medicamentos-nos-ultimos-seis-meses-se-automedicou-ate-uma>.
- 2- Valécio M de. Intoxicação por medicamentos cresce 20% em uma década no Brasil [Internet]. ictq.com.br. Available from: <https://www.ictq.com.br/farmacia-clinica/993-intoxicacao-por-medicamentos-cresce-20-em-uma-decada-no-brasil>.
- 3- Óbitos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Circunstância. Região Sul, 2016. | Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas - Sinitox [Internet]. sinitox.icict.fiocruz.br. Available from: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/tabela-10-obitos-registrados-de-intoxicacao-humana-por-agente-toxico-e-circunstancia-regiao-sul-14>.
- 4- Aquino DS de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? Ciência & Saúde Coletiva. 2008 Apr;13(suppl):733-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZqY8ZMrdQnVZNtdLNjQsFvM/abstract/?lang=pt>.
- 5- Rev, Esfera, Saúde. A DEPENDÊNCIA DE DESCONGESTIONANTES NASAIS E SEUS EFEITOS COLATERAIS [Internet]. Available from: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2021/05/revista-esfera-saude-v05-n02-artigo02.pdf>.
- 6- Lague LG, Roithmann R, Augusto TAM. Prevalência do uso de vasoconstritores nasais em acadêmicos de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. Rev AMRIGS [Internet]. 2013; 39-43. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-686156>.
- 7- Van Cauwenberge P., Bachert C., Passalacqua G., Bousquet J., Canonica GW., Durham SR., Fokkens WJ., Howarth PH., Lund V., Malling HJ., Mygind N., Passali D., Scadding GK., Wang DY. Consensus statement on the treatment of allergic rhinitis. European Academy of Allergology and Clinical Immunology. Allergy. 2000; 55(2):116-134. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10726726/>.
- 8- Baroody FM., Brown D., Gavanescu L., DeTineo M., Naclerio RM. Oxymetazoline adds to the effectiveness of fluticasone furoate in the treatment of perennial allergic rhinitis. Journal Allergy Clinical Immunology. 2011; 127(4):927-934. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21377716/>.
- 9- Corboz MR., Rivelli MA., Mingo GG., McLeod RL., Varty L., Jia Y., Hey JA. Mechanism of decongestant activity of alpha 2-adrenoceptor agonists. Pulmonary Pharmacology & Therapeutics. 2008; 21(3):449-454. Disponível em: [https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16809058/#:~:text=Our%20results%20showed%20that%20alpha,and%20\(3\)%20elicit%20decongestion](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16809058/#:~:text=Our%20results%20showed%20that%20alpha,and%20(3)%20elicit%20decongestion).

- 10- ICTQ A. Pesquisa – Automedicação no Brasil. www.ictq.com.br. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>.
- 11- Smith DG, Aronson JK. Tratado de farmacologia clínica e farmacoterapia. 3.^a ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2004.
- 12- Castro, LDND.; Mello, MMD.; Fernandes, WS. Avaliação da prática de automedicação com descongestionantes nasais por estudantes da área da saúde. J. Health Sci. 2016. 163-167. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-832874>.